

## Cacique xavante dança com os filhos em Ciep

Quando chegou ao Ciep Nação Rubro-Negra, na Gávea, com um par de pauzinhos atravessados na orelha, o cacique Domingos Mähörö e'õ queria uma ajuda para "atrair amizade". Ao final da visita, ele e os filhos — Plínio Warãiró, de quatro anos e oito meses, e Miriam Peuwata, de seis — conseguiram mais: fascinar os 430 alunos que se concentraram na quadra da escola, para ver um índio de verdade, com cocar, testa pintada e enfeites confeccionados na tribo do Mato Grosso do Sul.

Mais do que uma simples comemoração do Dia do Índio, a visita dos três integrantes da tribo Xavante foi uma aula de História. Entusiasmados, meninos e meninas do CA à 4ª série ouviram Mähörö e'õ dizer, em bom português, que "o índio é o dono do Brasil; o índio não foi descoberto, mas invadido". Curiosos, as crianças perguntaram ao cacique se na tribo os índios ainda andam nus e se Mähörö sentia saudades "da vida que o índio tinha antes".

"Essa é uma oportunidade única de os alunos verem na prática o que os professores dizem em sala de aula", comentou a diretora do Ciep, Eliane Falcão. O assédio das crianças fez com que o pequeno Plínio — assim como a irmã, ele não fala português e saiu pela primeira vez de Mato Grosso — ficasse o tempo todo com o rosto escondido entre as mãos, praticamente de costas para a plateia, sentada a poucos metros de distância. Mais descontraída, Miriam dançou com o pai: para mostrar que eles estavam contentes ("contentes de encontrar com vocês").

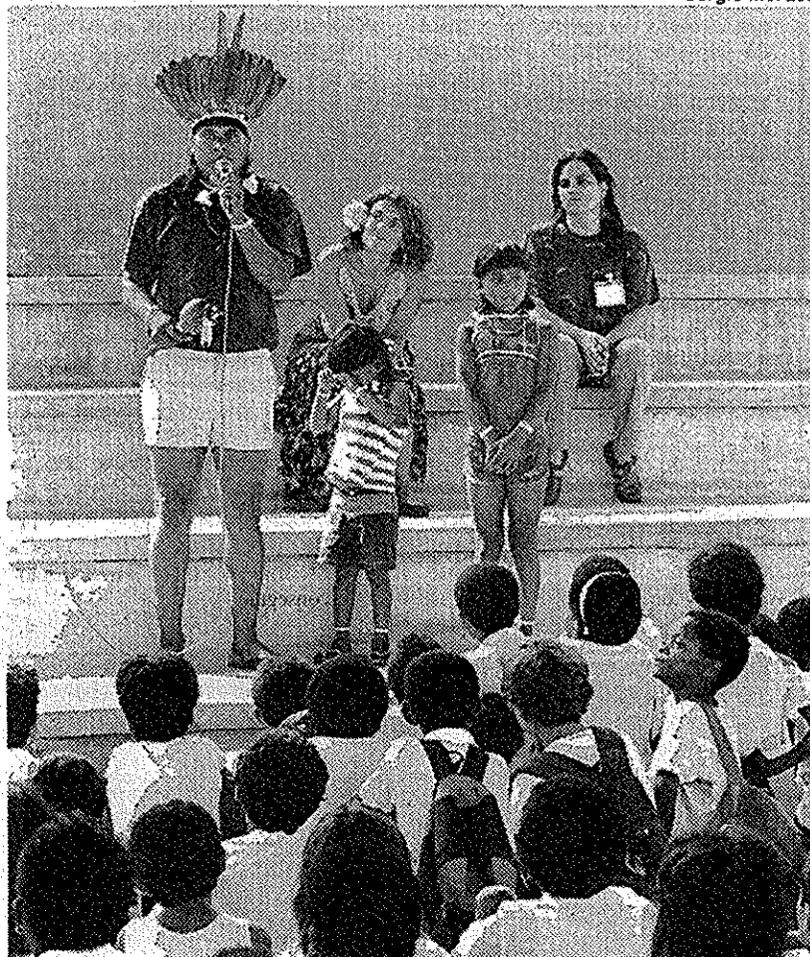
— "Acho que foi bom, porque eu pude

desabafar com o índio coisas que eu tinha curiosidade de saber", disse o estudante Ataíde Barbosa Júnior, de 14 anos, da 4ª série. Júnior nunca tinha visto um índio de perto e ficou impressionado com uma recente reportagem na televisão, mostrando o suicídio de índios em tribos do Mato Grosso. "Achei muito legal falar com o índio esses assuntos que eu vejo na televisão", afirmou.

Assim como os índios, alunos da segunda série também fizeram uma pequena apresentação para homenagear os visitantes. Bochechas pintadas de vermelho, tiras de esparadrado coladas no rosto e um similar de cocar feito em cartolina pendurado na cabeça, meninos e meninas, liderados pelas professoras, mostraram, dançando em roda, as principais atividades do índio: como ele caça, pesca e cuida da terra. "Quando chegar a casa foi contar tudinho pra minha mãe", comentou Ariane Gonçalves, de 8 anos, estudante da 1ª série.

Agitada, Ariane estava às voltas com a tarefa de conseguir um autógrafo do cacique e outro da atriz Márcia Brito, responsável pela ida de Mähörö ao Ciep. "Pensei em fazer uma exposição na Escola Parque, mas como lá já tinha programação, decidi perguntar se aqui no Ciep não gostariam que eu trouxesse o cacique", explicou Márcia, que faz a personagem *Flora Própolis*, no programa *Escolinha do Professor Raimundo*. Para conter a agitação das crianças, bastava Márcia falar ao microfone "Viva a natureza" — bordão de seu personagem no programa — que as crianças se acalmavam e respondiam um sonoro "Viva".

Sergio Moraes



Mähörö (com os filhos): "índio não foi descoberto, foi invadido"